

AMBIENTES E HETEROTOPIAS: APROXIMAÇÕES ENTRE FOUCAULT E MCLUHAN¹

ENVIRONMENTS AND HETEROTOPIAS: APPROACHES BETWEEN FOUCAULT AND MCLUHAN

AMBIENTES Y HETEROTOPÍAS: APROXIMACIONES ENTRE FOUCAULT Y MCLUHAN

Nilton Faria de Carvalho ²

niltonfar.carvalho@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma aproximação entre o conceito de heterotopia, elaborado por Foucault, das noções *mcluhianas* de ambiente e contra-ambiente. O objetivo é compreender como algumas diferenciações nos espaços midiáticos digitais têm sido possíveis a partir da construção de outros espaços comunicacionais. Pela Semiótica da Cultura, entendemos que há um processo de tradução crítica, que ocorre a partir de apropriações que alguns contextos de cultura fazem das ferramentas tecnológicas. Como objetos empíricos, analisamos as expressões midiáticas de dois coletivos ativistas, cujas subjetividades diferem do ideário das *big techs*.

Palavras-chave: Ambientes comunicacionais, heterotopias, mídias digitais.

¹ Este trabalho integra a pesquisa de pós-doutorado intitulada “Práticas comunicacionais de diferenças: uma cartografia de experimentações nas mídias”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio da Chamada nº 32/2023 – Pós-Doutorado Júnior (PDJ 2023).

² Pós-doutorando no Departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP.

ABSTRACT

This article proposes an approximation between the concept of heterotopia, developed by Foucault, and the McLuhanian notions of environment and counter-environment. The aim is to understand how certain differentiations in digital media spaces have become possible through the construction of other communicational spaces. From the perspective of the Semiotics of Culture, we understand that there is a process of critical translation, which occurs through the appropriations that certain cultural contexts make of technological tools. As empirical objects, we analyze the media expressions of two activist collectives whose subjectivities differ from the ideology of big tech companies.

Key words: Communication environments, heterotopias, digital media.

RESUMEN

Este artículo propone una aproximación entre el concepto de heterotopía, elaborado por Foucault, y las nociones *mcluhanianas* de ambiente y contraambiente. El objetivo es comprender cómo algunas diferenciaciones en los espacios mediáticos digitales han sido posibles a partir de la construcción de otros espacios comunicacionales. Desde la Semiótica de la Cultura, entendemos que existe un proceso de traducción crítica, que ocurre a partir de las apropiaciones que ciertos contextos culturales hacen de las herramientas tecnológicas. Como objetos empíricos, analizamos las expresiones mediáticas de dos colectivos activistas cuyas subjetividades difieren del ideario de las grandes empresas tecnológicas.

Palabras clave: Ambientes comunicacionales, heterotopías, medios digitales.

1 INTRODUÇÃO

Cuiabá é conhecida por abrigar os grandes produtores do agronegócio do país. Nesse contexto, os proprietários desses empreendimentos lucrativos exercem influência e poder na política da região, e também na imprensa – em muitos casos, refém da verba proveniente dos anúncios do segmento. Na mesma cidade, contudo, é possível encontrar um espaço de cultura e resistência intitulado Centro Cultural Casa das Pretas, administrado pelo IMUNE – Instituto de Mulheres Negras de Mato Grosso, desde 2014. O lugar é conduzido por um coletivo de mulheres negras, organizado de modo comunitário, no qual é possível encontrar uma programação que reúne oficinas, aulas de percussão, roda de samba e debates que passam por questões de ancestralidade, direitos LGBTQs, gênero e até políticas para imigrantes. Um ambiente que, ao se colocar frente ao poder dominante em Cuiabá, inscreve um modo de vida alternativo, uma pequena utopia, nos termos de Michel Foucault (2013). Na página do coletivo nas redes sociais, observamos uma experiência midiática também distinta, na qual as funcionalidades das tecnologias são usadas na produção de significados políticos. Esse procedimento semiótico de tradução crítica dos modos mais recorrentes de estar nas redes (ou seja, a subjetividade neoliberal e, por vezes, reacionária idealizada pelas *big techs*) expõe e questiona os efeitos (sensorialidades) dessas plataformas, ao exibir um devir ético e político que pode preencher esses espaços digitais. Nota-se, assim, que o conceito de lugar alternativo inscrito pelo IMUNE no âmbito físico também é praticado e vivenciado nas plataformas. Em outro estado, no Pará, o coletivo Resistenem construiu uma rede de ativistas pela educação que funciona como cursinho preparatório para que alunos de baixa renda consigam entrar nas universidades públicas. Seu trabalho se concentra, sobretudo, nas redes sociais e em atividades conduzidas em plataformas de mensagens e videochamadas, reconfigurando essas ferramentas em um trabalho de inclusão.

Para Marshall McLuhan e Quentin Fiore (1967), nossa imersão num dado meio inibe as reflexões acerca desses ambientes de comunicação, salvo raras exceções, a exemplo de intervenções artísticas ou a chegada de um novo meio. Entendemos que os coletivos possibilitam percepções críticas semelhantes. Trataremos, aqui, das

intervenções que os coletivos³ fazem nas redes, em busca de uma reflexão crítica da atualidade midiática. Enquanto as plataformas agem de modo político oculto, a partir de um discurso de “liberdade” que dificulta questionamentos sobre suas práticas, os coletivos, logo de saída, falam abertamente sobre suas visões de mundo, ao demarcarem muito bem suas ações e posições éticas e políticas – em suma, fazem abertamente ativismos, estimulando um pensamento crítico, uma torsão na trama das redes que se esconde em uma neutralidade inexistente.

Partimos da hipótese acerca da qual a maioria das pessoas que usa as redes sociais não se dá conta da existência da discursividade oculta nas ferramentas projetadas pelas *big techs*, sobretudo pela imersão cotidiana nesses espaços digitais – potencializada pela popularização dos aparelhos celulares. Os ativismos de coletivos, por outro lado, trazem a esses ambientes midiáticos os sentidos de um olhar crítico, por meio de códigos culturais que são emergentes de pequenos espaços de luta, espaços outros que diferem de *um pensamento epocal*. Segundo Gilles Deleuze (2017), a obra de Foucault parte das condições de uma formação histórica: *o que se vê e o que se fala acerca de uma época* (DELEUZE, 2017, p. 12), olhar que possibilita questionar esses quadros na temporalidade.

Os coletivos, assim, não fazem uma oposição aberta às *big techs*, mas produzem visibilidades para questões políticas que dificilmente estariam à vista nos regimes de sentido organizados pelas engrenagens algorítmicas das plataformas, movimento criativo que expõe uma potencialidade de ação política, como a busca por direitos e lutas por inclusão, num ambiente saturado por conteúdos marqueteiros produzidos por influencers, *spams* gerados por IAs e banalidades cotidianas em geral. Com base nessas observações, buscamos responder à seguinte questão: *como a noção foucaultiana de heterotopia pode nos ajudar a repensar os ambientes midiáticos dos coletivos na atualidade?* Nosso objetivo é aproximar as contribuições dos conceitos de ambiente e contra-ambiente, de McLuhan, da ideia de heterotopia, para compreender as diferenciações e as resistências que ocorrem nos espaços digitais, geralmente considerados ambientes tóxicos por conta do poder exercido pelas *big techs*. Em outra

³ Este trabalho é parte de uma pesquisa de pós-doutorado que busca traçar uma cartografia de coletivos situados em diferentes regiões do país, cujos contextos de cultura e ativismos possibilitam apropriações alternativas de tecnologias digitais.

frente, iremos compreender como os ambientes comunicacionais organizados pelos coletivos traduzem criticamente as funcionalidades das redes sociais aos seus contextos culturais, num processo semiótico de modelização e tradução crítica (MACHADO, 2022; LOTMAN, 1990).

Este trabalho analisa como objetos empíricos as expressões midiáticas e os contextos de cultura de dois coletivos: o IMUNE (Instituto de Mulheres Negras de Mato Grosso) e o Resistenem (Pará). Ambos criam seus espaços outros no ambiente das plataformas, cujos ativismos e a luta por direitos diferem da dinâmica central das redes digitais. Mas antes da análise dos objetos, trataremos a seguir da metodologia usada para a coleta de dados, seguida da base teórica e conceitual com a qual iremos trabalhar, a partir da aproximação da noção de heterotopia dos conceitos de ambiente e contra-ambiente. Nos preocupamos, ainda, em elaborar um recorte temporal que marca a atuação de nossos objetos empíricos, caminho que busca situar os pensamentos dos autores citados em nossa atualidade midiática.

2 COLETA DE DADOS EMPÍRICOS: ACERCA DO MÉTODO

A identificação do IMUNE e do Resistenem é parte de uma ampla *cartografia de diferenças* (DELEUZE; GUATTARI, 2000) de coletivos ativistas com a qual temos trabalhado nos últimos dois anos. Os dados que analisaremos mais adiante foram coletados em duas frentes: a) observação participante realizada no grupo de WhatsApp do coletivo Resistenem, entre os meses de setembro de 2025 e fevereiro de 2026; e b) entrevista por videochamada com lideranças do coletivo IMUNE, realizada em outubro de 2025. Considerando os limites deste texto, vamos analisar uma parte dos dados coletados.

Soma-se, ainda, uma pesquisa exploratória acerca dos conteúdos midiáticos trabalhados pelos coletivos em suas redes sociais, etapa que compreende uma análise semiótica das ressonâncias dos grupos nas redes. Esse caminho metodológico possibilita um entendimento de como os coletivos se organizam em seus territórios para, em seguida, compreender como essa dinâmica cultural ressoa e sustenta a produção de linguagem midiática nos espaços digitais. Nesse trajeto, vamos identificar e analisar

como os ativismos desses coletivos produzem sentidos nos espaços que os grupos ocupam, entre territórios, plataformas e subjetividades.

3 AMBIENTES MIDIÁTICOS, TRADUÇÕES E CONTRA-AMBIENTES

A noção de ambiente compreende que a chegada de uma tecnologia estabelece uma gramática cultural, no sentido de inaugurar modalidades de percepção e partilha, ela pressupõe modos de envolvimento e novos contextos de cultura. Essa foi uma das grandes contribuições de Marshall McLuhan (1964) para o campo da comunicação. Podemos pensar no advento do fogo, por exemplo, que possibilitou aos humanos comer alimentos cozidos, algo que não se resume à prática alimentar, mas insere outras mudanças culturais, como a inauguração do tempo de preparo da comida, processo antes inexistente e que certamente estimulou novas sociabilidades à época. Com as mídias não é diferente, a possibilidade de impressão ou de transmissão de áudio e vídeo modifica os modos de apreensão da informação, como nos lembra Irene Machado (2014), pois é um processo que *culturaliza*. Ou seja, trata-se de uma preocupação com os efeitos, significações, em suma, um processo semiótico e cultural.

Ao notar que a eletricidade (os meios eletrônicos, mais especificamente) traduz e reestabelece uma sensorialidade tátil e acústica das culturas orais – a aldeia global! –, o autor canadense percebe um efeito de agregação, no sentido de uma comunidade (MACHADO, 2014). Na era digital, no entanto, apesar de vivenciarmos uma sensação potencializada de simultaneidade, no sentido de uma aceleração espaço-temporal, as plataformas e redes sociais fragmentam essa coexistência global. Isso ocorre em diferentes frentes e fluxos comunicacionais, pois se manifesta tanto no âmbito produtivo das informações (todos produzem para todos) como também nas modalidades de apropriação dessas tecnologias – somadas aos modos de funcionamento das redes que, curiosamente, com os algoritmos, pode gerar cisões, bolhas, individualismos e extremismos nas esferas de sociabilidade. O jornalista James O'sullivan (2025), em texto reflexivo e crítico acerca das redes sociais, aponta que a internet surgiu com a promessa de potencializar as conexões humanas, mas, nos últimos anos, o que temos vivenciado, além da veiculação de publicações de uma caótica cultura da atenção de

influencers marqueteiros, é a infinidade de conteúdos gerados por ferramentas de Inteligência Artificial.

Se ambientes comunicacionais dizem respeito a contextos de cultura, é possível associá-los a um campo produtivo de subjetividades. A junção do capitalismo tardio com as tecnologias digitais tem atravessado a vida social e disseminado certo individualismo pós-estado, que passa pelas plataformas que oferecem formas de empreendedorismo (fora de contratos formais de trabalho e proteção social, quando o trabalhador lida diretamente com o aplicativo), que no fim das contas sugerem jornadas mais longas, como também pela ideia de ser influenciador digital, desejo de muitas pessoas. Há, ainda, a febre dos jogos de azar em versão digital na contemporaneidade. O diferencial dessas novas modalidades de “fazer dinheiro” é a dependência de si, bastaria um esforço pessoal para atingir o sucesso financeiro. Esses modos de envolvimento com as tecnologias tendem a produzir uma subjetividade individualista, com pouco espaço para a construção de lutas da classe trabalhadora, um aspecto singular de nosso tempo que tem modificado as relações de trabalho estabelecidas desde o último século. Como bem observou Julio Cesar Lemes de Castro (2016), em sua leitura crítica das redes, a própria ideia de um desempenho que busca visibilidades nas plataformas leva os usuários a se portarem como “gestores de si”.

No âmbito das mídias digitais, os coletivos ampliam suas significações e assim diferem de uma subjetividade majoritária sugerida pelas *big techs*. A noção de ambiente nos ajuda a pensar as diferenciações do contexto cultural dos coletivos e nos permite observar, ainda, que espaços como os da Casa das Pretas e o Resistenem são também lugares de comunicação, antes mesmo de sua midiatização. Assim, se as redes possuem suas funcionalidades pré-determinadas que sugerem certos modos de interação e comportamentos, há também uma codificação cultural emergente dos coletivos que irá entrar em relações semióticas com as plataformas. Nos termos de McLuhan (1977, p. 14), os meios são “ativos processos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias”, entendemos, assim, que há um processo tradutório das funcionalidades e condutas estabelecidas pelas redes e plataformas quando os coletivos produzem conteúdo midiático. Trata-se de uma tradução crítica de um contexto de cultura para o outro, no qual a engrenagem idealizada pelo Vale do Silício é traduzida nos termos das

semioses mobilizadas por ativismos locais – os processos formativos dos coletivos, os sentidos emergentes das heterotopias.

Assim, McLuhan nos ajuda justamente a pensar essa passagem do funcionamento físico dos ambientes comunicacionais dos coletivos a uma materialidade midiática. Tal procedimento permite compreender as transformações contemporâneas das visibilidades na recente ecologia das mídias que, mesmo em níveis desiguais, possibilita a emergência de processos de disputa, em meio a normalizações, invisibilidades e possibilidades de resistências (BARICHELO, 2017; GREGOLIN, 2018).

Contudo, na atualidade, a ubiquidade dessas tecnologias no cotidiano reveste o uso dessas tecnologias de uma sensação de experienciar um espaço midiático neutro, sem que esse uso esteja diretamente vinculado a uma discursividade projetada por seus idealizadores. Não à toa qualquer tentativa dos estados-nação de implementar legislações – ou seja, impor certas regras, diretrizes e responsabilidades às plataformas digitais, sobretudo em relação a *fake news*, discursos de ódio a minorias e conteúdos extremistas – é imediatamente refutada por essas empresas, num trabalho fortíssimo de lobby, em diferentes setores da vida social (política, sociedade civil, imprensa etc.), que vincula a regulação a ataques a uma suposta liberdade. Em outras palavras, as *big techs* possuem estratégias para que suas tecnologias sejam lidas como algo neutro e distante do debate político, ao mesmo tempo em que a arquitetura desses espaços digitais é radicalmente vinculada a forças políticas de nosso tempo: neoliberalismo, extrema-direita e pegadas do Antropoceno (CESARINO, 2021; KEMPER, 2024; MOROZOV, 2018; HARTLEY; IBRUS; OJAMAA, 2021).

A presença dos coletivos nas redes, por outro lado, é uma resposta política a esse cenário, pois suas ações ativistas privilegiam a formação de comunidades de luta que buscam inclusão e direitos – reivindicações que são, ao pé da letra, coletivas. Entendemos que os coletivos são, antes de tudo, ambientes comunicacionais em seus territórios de atuação, pois são *extensões* de pessoas e comunidades, no que diz respeito à formação *de uma luta partilhada*, numa dada localidade, e que possibilitam um letramento cultural frente ao mundo, daí sua capacidade de produzir diferenciações nas mídias.

Esses grupos constroem, antes de qualquer expressão midiática, seus próprios espaços alternativos em suas comunidades e territórios e vivenciam afetos que diferem das engrenagens técnicas neoliberais das plataformas. E aqui estabelecemos nosso diálogo com Michel Foucault (2013), quando o autor identifica que alguns grupos sociais tendem a construir suas *pequenas utopias situadas*. Se, na modernidade, as burocracias que compõem o poder criaram espaços para perfis desviantes, como hospícios, penitenciárias e até casas de repouso, há também espaços criados para suspender, mesmo que provisoriamente, a vida submetida ao capitalismo tardio – como comunidades *hippies*, praias de nudismo etc. Foucault, entretanto, redefine o termo utopia com o prefixo “hetero” (*outro*, num sentido de espaços diferentes), ao propor o termo *heterotopia*.

Entendemos as heterotopias como processos diferenciais que ocorrem no choque de um ambiente comunicacional com outro, um embate entre dinâmicas existenciais. McLuhan e Fiore (2001) identificaram a existência de situações produtoras de *anti-ambientes* (ou contra-ambientes), que nos arrancam de um mergulho irreflexivo num dado meio, ao expor os processos culturais de envolvimento que esse ambiente oferece, quando conseguimos compreender o seu funcionamento – ou, em outras palavras, no momento em que podemos refletir sobre como esse meio processa informações e produz mensagens. Para esses autores, as artes cumprem essa função de provocar reflexões acerca de um dado meio, e entendemos que os coletivos cumprem um papel semelhante nesses ambientes comunicacionais, notadamente em um procedimento de tradução crítica, capaz de expor uma *discursividade não-dita* sobre as tecnologias. Trata-se do encontro de um espaço heterotópico com um meio e suas funcionalidades, que inscreve uma diferenciação, uma mudança no âmbito das subjetividades produzidas.

Como observa Michel Foucault (1999), a subjetividade é produzida por arranjos de *dispositivos de poder/saber*, e hoje o eixo que sustenta essa discursividade epocal passa de uma tecnologia a outra – pois a era digital é marcada por funcionalidades que disciplinam condutas (*dispositivos disciplinares*), como quaisquer outras formações⁴

⁴ Em um curso sobre Michel Foucault, Gilles Deleuze (2020, p. 4) observa que para o autor francês as formações históricas devem ser entendidas com base nas formas de “ver e falar” – em outros termos, o *visível e o enunciável* e, mais precisamente, no “entrelaçamento dessas duas formas. O visível e o enunciável, ou sua condição formal, a luz e a linguagem”.

históricas. Trata-se de um capítulo novo na já conhecida rede de instituições disciplinares que se alternam, conjunto de linguagens escondidas na neutralidade, mas que não cessam de fazer o jogo de *situar o cotidiano no código político* (FOUCAULT, 2003). Tal estratégia, na atualidade, se manifesta nas tecnologias digitais, que, como já mencionamos, possuem modos de envolvimento e discursividades (MCLUHAN, 1964; KITTLER, 1999). Mas não nos bastaria apontar apenas o aspecto majoritário que marca a subjetividade na era digital, pois o que está em jogo aqui é compreender como as modalidades minoritárias irão tensionar o que é dado como regra, ou que podemos chamar também de padrão mais recorrente.

Por fim, nosso caminho metodológico irá se concentrar também nas relações semióticas entre esses *diferentes sistemas*. De um lado, os coletivos com seus ativismos, do outro, as plataformas com suas funcionalidades que indicam modos de comportamento, linguagem e certas visibilidades. Nos escritos de Iuri Lotman (1996), cada sistema semiótico possui *estruturalidade*, com seus códigos mais recorrentes que o fazem ser compreensível, essa interioridade mais ou menos organizada se depara e entre em relações com sistemas que lhe são externos. Assim pensamos os coletivos e as redes digitais, como ambientações que operam semioticamente como sistemas distintos e, desse modo, irão entrar em relações. Daí a importância da noção de *texto de cultura* para Lotman (1996), unidade de cultura, elemento que terá como função portar certos códigos de um dado contexto, possuir memória cultural e produzir novos sentidos. Nos processos formativos dos coletivos há essa unidade fundamental de significações, seus modos de existência e ativismos, aspectos que serão diferenciais nas redes, como veremos no próximo tópico. Assim, um texto de cultura portador de informações é peça fundamental nas transformações culturais estudadas pela Semiótica da Cultura, notadamente as semioses geradas na *passagem de um texto de cultura de um sistema a outro*, e isso envolve materialidades, traduções, intraduzibilidades e produção de linguagem.

4 COLETIVOS, HETEROTOPIAS

Entendemos os coletivos como heterotopias. No início do texto trouxemos uma breve descrição do coletivo Casa das Pretas, trabalho que funciona como uma rede de apoio a mulheres negras em Cuiabá, Mato Grosso, cujos ativismos constroem um contraponto a uma região lida como mais conservadora por conta da força do agronegócio no estado. O coletivo se organiza em um espaço físico, uma casa localizada no centro histórico da capital mato-grossense, ambiente no qual a luta antirracista sustenta todas as atividades ali realizadas. Uma vez que as desigualdades que marcam a história do Brasil colocam as mulheres negras em situação de vulnerabilidade, em uma série de situações na arquitetura social do país, a Casa das Pretas, enquanto espaço de articulação e ativismo, possibilita que elas estejam sempre no centro do debate. É a partir de um matriarcado, inclusive formado por mulheres imigrantes de países africanos, que o coletivo se posiciona frente ao mundo, com atividades formativas, a exemplo das rodas de conversa sobre variadas temáticas (artes, política, história, questões de gênero e LGBTQs). Outro coletivo analisado, o Resistenem, nasceu no contexto da pandemia, em Santarém (Pará). Formado por um grupo de professores e professoras ativistas pela educação pública e inclusiva, seu trabalho consiste na preparação de alunos de baixa renda, muitos deles indígenas e quilombolas, para a prova do Enem. As ações do coletivo ocorrem, sobretudo, no contexto digital, com aulas por videochamadas e grupo de WhatsApp, mas também há ações presenciais mobilizadas pelos voluntários/as, como acompanhar os alunos até os locais de realização das provas.

São espaços comunicacionais que operam uma torção na estrutura geradora das desigualdades do Brasil, seja na contestação da figura majoritária do homem branco ocupando lugares de poder (no caso da Casa das Pretas), como também na proposta de levar mais alunos de baixa renda às universidades, geralmente frequentadas por estudantes de classes média/alta, provenientes de escolas privadas e cursinhos preparatórios pagos. Em ambos os casos, notamos que a regra para entrar nesses espaços coletivos e heterotópicos é a partilha de ativismos comuns a uma coletividade,

um engajamento que faz com que os ambientes sejam diferenciais em relação aos demais espaços do capitalismo tardio.

Com Foucault (2013), entendemos os ativismos produzidos nos coletivos como contrapontos contundentes em relação aos espaços normativos que mantêm as desigualdades de nosso tempo, dos quais as redes digitais são, em boa medida, uma continuidade. Para o autor, a contestação exercida nas heterotopias reside em sua capacidade de denunciar as contradições que compõem o real, ao arrancá-lo de sua normatividade (ou neutralidade) e expor seu lado desarranjado, seus equívocos históricos. O ativismo como chave analítica dos coletivos é o que os situa como diferenciação semiótica, na medida em que ser ativista demarca a entrada nesses espaços, ao mesmo tempo que significa tensões constantes com os outros espaços que nos atravessam a vida.

5 PROCESSOS SEMIÓTICOS E ESPAÇOS HETEROTÓPICOS: COLETIVOS E ATIVISMOS NAS REDES

Os coletivos se movimentam por articulações sociais, em especial em bairros e comunidades, podem ser considerados uma expressão política contemporânea (GOHN, 2025), relativamente recente, sobretudo por diferir dos movimentos sociais do último século (sindicatos, movimentos estudantis, ligas camponesas etc.). São caracterizados por formações internas mais horizontalizadas e, em boa medida, mais heterogêneas – cujas lideranças, quando há esse termo, são mais flexíveis e rotativas. Trata-se de uma experiência política que se consolida no século XXI. Seja para definir um campo de atuação ou estratégias de mobilização, esses grupos partem de uma partilha de questões comuns (problemas que afetam seu território ou comunidade).

Nossos objetos atendem a essas observações mais gerais, com algumas diferenciações e singularidades, obviamente. O coletivo IMUNE nasce de um grupo de mulheres que fazia apresentações de danças afro-diaspóricas, que com o tempo percebeu que era necessário lidar de maneira mais combativa com questões raciais e de gênero na região de Cuiabá. Seus processos formativos ocorrem – como em outros coletivos que temos mapeado no Brasil – em rodas de conversa, momentos de partilha

nos quais questões comuns são postas à mesa, num debate que procura construir enunciados e formar pessoas. O Resistenem começa suas atividades no Pará, no encontro de um grupo⁵ de professores e professoras que lutam pela inclusão de alunos de baixa renda nas universidades públicas. Com o tempo, esse grupo cresce e se conecta a docentes de outras regiões e, no lugar de atuar num espaço físico, organiza suas atividades em ambientes online, videochamadas e grupos em aplicativos de mensagens. Essa estratégia amplia a atuação do coletivo para diferentes regiões do país.

Os coletivos que analisamos neste estudo, cada qual à sua maneira, possuem códigos que lhes são caros, significações de reconhecimento e partilha, mas participam de dinâmicas de recodificação, notadamente pelas relações exteriores, seja com o entorno de suas comunidades ou com outros ativismos que ganham relevância no âmbito temporal. Em sua constituição enquanto ambientes de comunicação, os coletivos irão, pela noção de texto cultural (LOTMAN, 1990), inscrever outras significações nos ambientes digitais, uma vez que seus códigos culturais produzem certa tensão nesses espaços.

Na página do IMUNE na rede social Instagram, algumas publicações expressam bem essa modalidade de tradução semiótica à qual nos referimos, a partir da Semiótica da Cultura. Nos últimos anos, uma linguagem específica de vídeos curtos, editados sobretudo no Tik Tok, estabelece um modo de produção que segue certas regras estéticas: menos de um minuto, com legendas, cortes rápidos e música ao fundo. Esses vídeos geralmente são usados por influencers e fazem parte de uma cartilha de marketing digital. Durante um encontro com jornalistas do Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso, o IMUNE elaborou um vídeo⁶ com linguagem semelhante, cujo objetivo não era vender nenhum produto, mas destacar trechos do encontro político, que tinha como tema a luta antirracista. Ou seja, o IMUNE recodificou funcionalidades que foram disponibilizadas nas redes para servir a fins marketeiros e às banalidades de influenciadores digitais, em um processo de tradução crítica que inscreveu os sentidos da luta das mulheres negras.

⁵ Uma das idealizadoras do Resistenem é a ativista Norah Costa, que possui trabalhos em outras áreas de ativismo, como meio ambiente e cultura regional – com participações em outros coletivos do Pará.

⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DRTD53wDYzh/>>. Acesso em 20 de dez. 2025.

E aqui a noção de ambiente nos leva a formular uma problematização sobre tradução, semioses e codificação de um dado espaço de comunicação para o outro. Como bem observa Irene Machado (2022, p. 116), a tradução crítica se orienta pela mediação manifesta em alguma “textualidade semiótica”, que nos oferece a possibilidade de leitura que diversifica um dado acontecimento, uma temporalidade. Ora, é na manifestação do IMUNE enquanto texto de cultura nas redes que observamos a semiotização de um ambiente digital até então lido, majoritariamente, como espaço destinado a funcionar como as plataformas desejam, pelo ideário neoliberal pós-estado (CASTRO, 2016). Nota-se, assim, uma recodificação nas apropriações que os coletivos fazem dos ambientes digitais, uma vez que os ativismos mobilizam sentidos de lutas sociais e inclusão – o próprio termo “coletivo” é um significado que difere de maneira radical em relação ao individualismo que sustenta certos discursos neoliberais de empreendedorismos vagos, geralmente vendidos por influenciadores e potencializados por algoritmos.

Se as redes são projetadas para produzir subjetividades alinhadas ao capitalismo do Vale de Silício, os coletivos estabelecem pequenas diferenciações nos modos de estar nesses espaços. Isso nos leva a pensar com Michel Foucault (2013, p. 20), quando o autor identifica que grupos sociais, de variadas épocas, criaram e seguem produzindo espaços que diferem dos lugares mais alinhados às suas temporalidades e contextos. Como poderíamos imaginar que seria possível existir um espaço como a Casa das Pretas, no coração da capital do Mato Grosso, onde interagem diversas frentes de uma mobilização racial e de gênero? Uma pequena utopia realizada, capaz de ressignificar inclusive a historicidade local que, segundo Antonieta Luísa Costa, uma das lideranças do IMUNE, abrigou um mercado de pessoas escravizadas que trabalhavam nas casas das famílias mais abastadas de Cuiabá. Hoje, à contrapelo das desigualdades históricas, a casa recebe rodas de conversa como a organizada no dia 29 de novembro de 2025, quando o Clube de Leitura⁷ (atividade rotineira no lugar) discutiu a obra *Cabelo Ruim?*, da jornalista e escritora Neusa Baptista, que trata de identidade, autoestima, infância e cultura afro-diaspórica.

⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DRk-94WgBbT/>>. Acesso em 20 de dez. 2025.

O mesmo vale para o coletivo Resistenem. Embora seu espaço de atuação seja, em boa medida, construído em ambientes digitais – videochamadas e grupos em aplicativos de mensagens –, seu trabalho é consolidado a partir de experiências locais de professores ativistas pela inclusão de alunos de baixa renda nas universidades públicas. Há, portanto, uma politização, em especial na preocupação com certos grupos, como indígenas e quilombolas (notadamente as mulheres), de diferentes regiões do país. Em 2026, por exemplo, houve também um trabalho para incluir surdos-mudos no cursinho preparatório, com professores capacitados nesse campo de atuação. Em uma das lives que participamos como observadores, durante processos formativos de professores voluntários, notamos a fala de uma das docentes que dizia ser “*ativista pela inclusão de surdos-mudos*”.

Além do trabalho preparatório para a prova do Enem, o coletivo realiza ações presenciais no dia da prova, em diferentes estados, nas quais voluntários do coletivo distribuem kits (canetas, lápis etc.) aos alunos participantes do projeto – essas ações geralmente são registradas em vídeos curtos para publicações no Instagram, cujo objetivo é construir narrativas diferentes das exposições negativas recorrentes na mídia tradicional, a exemplo das imagens que mostram alunos atrasados no dia da prova do Enem. Além de produzir outras visibilidades, em uma das publicações⁸, Norah Costa, uma das ativistas do coletivo, fala sobre uma campanha destinada a pagar as inscrições de alunos de baixa renda: “*amadrinhar e apadrinhar um aluno é um ato político [...] nos ajude a reflorestar as universidades*” – e assim demarca uma posição ativista, política.

Tanto o IMUNE como o Resistenem trabalham modalidades de inclusão e partilha de questões coletivas, pois ambos são sustentados por contextos culturais divergentes da dinâmica das redes e plataformas. Quando Marshall McLuhan e Quentin Fiore (2001) elaboram a noção de contra-ambiente, os autores tinham em mente as percepções críticas que artistas geralmente possuem em relação às tecnologias e aos meios de comunicação de uma dada época – capazes de vê-los como realmente são, com todas as suas contradições –, tal qual um não-alinhamento temporal. Integrantes de coletivos possuem sensibilidade semelhante, uma vez que suas ações nas redes são

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DKSDGw1uEJb/>>. Acesso em 21 de abr. 2026.

baseadas em ativismos e questões políticas emergentes de contextos de luta geralmente periféricos e ausentes das narrativas midiáticas majoritárias. São trabalhos que *reposicionam a importância das pautas coletivas na atualidade*, e esse aspecto difere radicalmente de um certo ideário neoliberal que atravessa a vida social na atualidade, inclusive despolitizando trabalhadores e enfraquecendo sindicatos em novas modalidades de emprego na era digital. Ao criarem suas heterotopias, os coletivos criam as condições para novas significações midiáticas e outras modalidades de produção de subjetividades.

A vivência em espaços outros é formadora de perspectivas críticas, daí a importância em considerar que os coletivos, enquanto produtores de conteúdo midiático, tendem a se posicionar de modo contestador nos ambientes dominantes de nosso tempo, nos termos de Michel Foucault (2013). E tal observação nos ajuda a repensar o papel da comunicação na atualidade, sobretudo ao expor os modos como as subjetividades são produzidas no âmbito das mídias. Nos interessa, além de uma crítica necessária à captura da vida social pelas *big techs*, identificar as estratégias de resistência e os caminhos alternativos que grupos sociais são capazes de produzir. Ao refletir sobre as subjetividades e os processos de subjetivação, Gilles Deleuze (1991) certa vez observou que uma das grandes contribuições do pensamento de Foucault foi identificar que “os processos de subjetivação não têm nada a ver com a vida privada, mas designam a operação pela qual os *indivíduos ou as comunidades se constituem como sujeitos*” (1991, p. 26), por isso consideramos decisivo compreender a passagem de um ambiente de comunicação a outro, ou seja, quando os coletivos produzem linguagem midiática e assim inscrevem outras posições frente ao mundo, na materialidade dos suportes tecnológicos de comunicação.

O IMUNE como espaço antirracista, no qual as mulheres negras estão no centro do debate político; o Resistem como cursinho popular, gratuito, focado em grupos como quilombolas, indígenas e pessoas surdas; cada qual com suas singularidades, são espaços suspendem as desigualdades em seus locais de atuação, são contrapontos necessários na atualidade. Nas redes, os grupos citados politizam os ambientes midiáticos com suas pautas, seus ativismos, e assim expõem o discurso de “neutralidade” das plataformas. Mesmo que não exista uma crítica direta às redes

enquanto meio de comunicação alinhado a uma elite global dominante, os coletivos, ao operarem às margens das plataformas, exibem o potencial político dessas ferramentas, demonstrando assim uma potencialidade oculta nesses espaços – oculta ao menos aos olhos do que podemos chamar de senso comum, trata-se então de tornar visível o que geralmente não se vê nesses novos meios (MCLUHAN; FIORE, 2001)

Michel Foucault (2013) considera as heterotopias como pequenas quebras e rupturas em um cotidiano demarcado pelos discursos do poder. Ao aproximarmos esse conceito *foucaultiano* da noção de ambiente comunicacional, trabalhada por McLuhan (2011), é possível repensar a dimensão midiática da construção de espaços alternativos, inclusive levando em conta a ideia de contra-ambiente. A experiência dos coletivos é exemplar nesse sentido, pois demonstra que contextos culturais criadores de outros espaços, ao produzirem linguagem midiática nas redes, reconfiguram as funcionalidades dominantes das plataformas, num processo semiótico de tradução crítica (LOTMAN, 1990; MACHADO, 2022). Nessa tensão de significações percebida na ida dos coletivos aos espaços digitais, observamos como IMUNE e Resistenem estabelecem uma gramática de ativismos que não atende ao ideário das plataformas, ao contrário, politiza esses espaços a partir de uma ideia de partilha de problemas que são coletivos para comunidades e grupos sociais, em busca de inclusão e direitos. Trata-se de um contexto cultural emergente de heterotopias locais – com seus modos de envolvimento comunicacional, tal como observou McLuhan (1969; 2001; 1964) –, saberes situados, que demonstram que há outros afetos sendo produzidos na sociedade contemporânea, à contrapelo de enunciações e visibilidades dominantes. Essa aproximação, inclusive, nos faz pensar, à luz da crítica de Giorgio Agamben (2009), que ser contemporâneo *não é alinhar-se plenamente com seu tempo*, mas identificar as contradições dessa temporalidade, num sentido crítico de visualizar as trevas e não as luzes.

O IMUNE, no último dia 20 de novembro (dia da Consciência Negra), trabalhou uma série de atividades formativas em seu espaço físico: rodas de conversa, oficinas, mostra de cinema negro, apresentações de dança afro, maracatu, entre outras atividades, algumas transmitidas ao vivo pela página⁹ do coletivo no Instagram. Esses vídeos são contrapontos à funcionalidade de meras aparições de uma economia da atenção, pois

⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DRD9WdQDPc9/>>. Acesso em 21 de abr. 2026.

sugerem participação política, inclusive presencial. Já o Resistenem, em ação levada à porta das escolas, distribuiu panfletos sobre o projeto com os dizeres “*educação é resistência*”, com o objetivo de estimular que estudantes da rede pública façam a prova do Enem. A ação ganhou um vídeo¹⁰ publicado no Instagram, cujas imagens mostram os voluntários do coletivo interagindo com os alunos, mobilização que reforça os sentidos políticos da educação pública. Ambas as ações diferem das imagens de influenciadores em suas práticas individuais de monetização, potencializadas pelos algoritmos. Mesmo num sentido minoritário de formação de *pequenas bolhas* (ou, contra-bolhas, para tratarmos de um termo alinhado à proposta deste artigo), os coletivos produzem diferenciações ao propor enfrentamentos coletivos para lidar com desigualdades sociais na atualidade.

É nesse sentido que os coletivos, enquanto heterotopias produtoras de contra-ambientes comunicacionais, nos fazem repensar a nossa atualidade tecnológica e midiática, pela capacidade de gerar reflexões sobre questões que não estão dadas pelos regimes de visibilidade. São pequenas utopias, talvez realizadas apenas em seus contextos de cultura, mas significativas na construção de ambientes midiáticos mais inclusivos e plurais.

6 CONSIDERAÇÕES

Este artigo procurou estabelecer uma aproximação teórica, um diálogo, entre o conceito de heterotopia, formulado por Michel Foucault (2013), e as noções de ambiente e contra-ambiente trabalhadas por Marshall McLuhan (2011; 1969). O objetivo foi compreender como certas apropriações das ferramentas digitais produzem diferenças nos ambientes midiáticos digitais. Como objeto empírico, analisamos as expressões midiáticas de dois coletivos: o IMUNE (Instituto de Mulheres Negras de Mato Grosso) e o Resistenem (Santarém, Pará), ambos nascidos em contextos culturais locais e que constroem políticas coletivas de inclusão e direitos.

Procuramos compreender como essas heterotopias se constituem como espaços comunicacionais de um letramento ativista, processos formativos decisivos para que as

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DRIRCaWjv_m/>. Acesso em 21 de abr. 2026.

expressões midiáticas dos coletivos produzam diferenças nas redes digitais e plataformas. Em outra frente, pela Semiótica da Cultura, entendemos que os coletivos funcionam como textos culturais que entram em processos semióticos de tradução crítica (LOTMAN, 1990; MACHADO, 2022), ao transitarem de seus contextos culturais para os ambientes digitais. Ao observamos os coletivos, entendemos que há uma *dimensão comunicacional* e midiática nas heterotopias de Michel Foucault (2013), pois pensá-los como ambientes de comunicação implica levar em conta uma questão cultural de modalidade de envolvimento e partilha, como formulou McLuhan (2001).

As diferenças produzidas pelos coletivos nas redes sociais nos permitem repensar esses espaços midiáticos não apenas pela discursividade que marca suas ferramentas, ou pelo poder das *big techs*, mas pelas modalidades alternativas de apropriações menores. Esse procedimento de observar as estratégias de diferentes comunidades, inspirado em Foucault, indica a produção de outras subjetividades, processo que passa também pelas materialidades das atuais redes digitais. São variações, *pequenas utopias* territoriais e midiáticas, capazes de jogar luz sobre modos de resistência e outros saberes tão caros ao nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é ser contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó (SC): Argos, 2009.
- BARICHELLO, Eugênia Maria Mariano da Rocha. Visibilidade e legitimidade na atual ecologia midiática. **Estudos em comunicação**, vol. 2, n. 25, p. 99-108., 2017.
- CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Revista Ilha**. V. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.
- CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Neoliberalismo, autoimunidade e redes sociais. **Interin**, v. 21, n. 1, 2016.
- DELEUZE, Gilles. Signos e acontecimentos: entrevista a Raymond Bellour e François Ewald. In: ESCOBAR, Carlos Henrique. (org). **Dossiê Deleuze**. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, p. 9-30, 1991.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: o poder**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo, Editora 34, 2000.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. As heterotopias. São Paulo: N-1 Edicoes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOHN, Maria da Glória. Coletivos: novas formas de expressão dos jovens no associativismo contemporâneo no Brasil. **Civitas: Revista de ciências sociais**, n. 25, v. 1, p. 1-14, 2025.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: FLORES, Giovanna. Benedetto; NECKEL, Nadia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs). **Análise de discurso em rede: Cultura e Mídia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, paginação?
- HARTLEY, John; IBRUS, Indrek; OJAMAA, Maarja. **Digital semiosphere: culture, media and science for the Anthropocene**. London (UK): Bloomsbury, 2021.
- KEMPER, Jakko. Deep time and microtime: Anthropocene temporalities and Silicon Valley's longtermist scope. **Theory, Culture & Society**, abr., 1–16, 2024.
- KITTLER, Friedrich. **Gramophone, film, typewriter**. Stanford (CA): Stanford University Press, 1999.

LOTMAN, Yuri. **Universe of the mind**. A semiotic theory of culture. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

MACHADO, Irene. **Vieses da comunicação**: explorações de Marshall McLuhan. São Paulo: Annablume, 2014.

MACHADO, Irene. Semiotização da história: a metalinguagem crítica de I. M. Lotman. **Revista de Literatura e Cultura Russa**. v. 13, n. 23, pp. 109-130, 2022.

MCLUHAN, Marshall. **Counterblast**. Toronto: McClelland & Stewart, 1969.

MCLUHAN, Marshall. Entrevista ao L'Express: um homem do futuro. **Revista ALCEU**, v. 12, n. 23, jul./dez., p. 5-19, 2011.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **The medium is the message**. Hamburg (GER): Gingko Press, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding media**: the extensions of man. New York: McGraw-Hill, 1964.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

O'SULLIVAN, James. The last days of social media. **Longreads (Noëma)**, 8 set. 2025. Disponível em: <<https://longreads.com/2025/09/08/death-social-media/>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Original recebido em: 28 de janeiro de 2026

Aceito para publicação em: 22 de abril de 2026

Nilton Faria de Carvalho

Jornalista e doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pós-doutorando na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), pesquisa financiada pelo CNPq, atualmente em fase de finalização. Foi professor substituto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional